

SÍNDROME DE ABARAMA: A CIDADE DIANTE DAS LIÇÕES DA CATÁSTROFE CLIMÁTICA NO RS

ABARAMA SYNDROME: THE CITY FACING THE LESSONS FROM THE CLIMATE CATASTROPHE IN RS

Gustavo Cougo¹, Anelis Rolão Flôres² e Marcio Tascheto da Silva³

RESUMO

Este artigo visa refletir sobre as possíveis lições que a catástrofe climática, ocorrida em maio de 2024, no Estado do Rio Grande do Sul, depreende para pensarmos as cidades e a educação a partir da hipótese da “Síndrome de Abarama”. Possui como indagação central a seguinte questão: O que nos conta a catástrofe climática no Estado sobre as cidades e o modo como a construímos e vivemos nelas, caracterizando-se como um conjunto de sintomas sociais e imaginários? Para tanto, utiliza-se da novela de Josué Guimarães intitulada “Depois do último trem”, como interlocução e fio narrativo para a compreensão da “poética da catástrofe”. Trata-se de um estudo qualitativo e exploratório de cunho bibliográfico, visando a interface entre o acontecimento climático e os seus desdobramentos para o pensamento urbano e educacional. Com o artigo, pretende-se debater os possíveis aprendizados que o acontecimento é capaz de proporcionar a questão urbana e os desafios das cidades diante das emergências climáticas.

Palavras-chave: Questão urbana; pedagogias da cidade; poéticas da catástrofe; emergência climática.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the possible lessons that the climate catastrophe that occurred in May 2024 in the state of Rio Grande do Sul can teach us about cities and education based on the hypothesis of the “Abarama Syndrome”. Its central question is: What does the climate catastrophe in the state tell us about cities and the way we build them and live in them, characterized as a set of social and imaginary symptoms? To this end, the novel by Josué Guimarães entitled “After the Last Train” is used as an interlocution and narrative thread to understand the “catastrophe poetics”. This is about a qualitative and exploratory study of a bibliographic nature, aiming at the interface between the climate event and its consequences for urban and educational thinking. The article aims to discuss the possible lessons that the event is capable of providing on the urban issue and the challenges of cities in the face of climate emergencies.

Keywords: *Urban issue; city pedagogies; catastrophe poetics; climate emergency.*

1 Mestrando em ensino de humanidades e linguagens, pela Universidade Franciscana (MEHL/UFN). É graduado em Administração, também pela Universidade Franciscana. E-mail: gustavo.cougo@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0654-803X>

2 Doutora em Arquitetura (2019) e mestre em Arquitetura (2006) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PROPARG/UFRGS). É graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Ritter dos Reis (2001). Atualmente é professora da graduação e coordenadora da especialização da área de ciências tecnológicas da Universidade Franciscana (UFN). E-mail: anelis.flores@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1918-4084>

3 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEDU/UFRGS). Possui pós-doutorado em memória social e patrimônio cultural pela Universidade Federal de Pelotas (PPGMP/UFPel). Atualmente é professor pesquisador no curso de História e no mestrado em ensino de humanidades e linguagens da UFN. Também é membro fundador da Rede Unesco Cidade que Educa e Transforma E-mail: tascheto@ufn.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2113-3828>

INTRODUÇÃO

Estacou, novamente o apito do trem. Sim, era o trem que se aproximava, talvez o último. Uma distante fumaça no horizonte. Apressou o passo, precisava correr. Não podia perder aquele trem era a sua única chance de sair dali, de livrar-se de tudo aquilo (Guimarães, 2021, p. 136).

Maio de 2024 foi marcado pela maior catástrofe climática que o Brasil já enfrentou. Inúmeras cidades do Estado do Rio Grande do Sul foram atingidas direta ou indiretamente. Vidas humanas, fauna e flora foram duramente afetadas pelas fortes chuvas que assolaram praticamente todo o Estado gaúcho. Casas, prédios, bairros inteiros, lavouras, escolas, hospitais, estradas e pontes, foram submersas ou arrastadas pelas águas em proporções jamais vistas antes. Diante dessa catástrofe climática e seus desdobramentos sociais, econômicos, culturais e psíquicos, o que fazer? O que podemos aprender ou o que não podemos mais deixar de apreender nesse contexto? O que mudou? O que deve mudar em nossas condutas? Que imaginários desprendem? O que nos conta a catástrofe climática no Rio Grande do Sul sobre as cidades e o modo como as construímos e vivemos nelas, caracterizando-se como um conjunto de sintomas sociais e imaginários?

Neste cenário de quase irreabilidade confirmada pelas distopias antecipadas, aventamos a hipótese de dialogar com a tragédia pela via do realismo fantástico para a compreensão de uma poética urbana da catástrofe, a partir da novela “Depois do Último Trem”, de Josué Guimarães (2021). Não se trata de pensar a catástrofe com o aporte da literatura de Guimarães, tampouco, construir somente metáforas ou analogias literárias. Mas refletir sobre a crise buscando decodificar a poética da catástrofe, o que mobiliza a pensar, escrever, imaginar seus modos de dizer as cidades diante do inefável. Com isso, apontamos para a hipótese da síndrome de Abarama⁴, como a face de um enigma social que opera sob a forma do progresso e perpetua uma lógica de expulsão urbana e ambiental sistemática, que manifesta superficialmente tendências subterrâneas profundas, difíceis de perceber quando pensamos com os indicadores geopolíticos, econômicos e sociais que nos são familiares, sem o horizonte das emergências climáticas.

No momento em que rompe com a concepção medieval de espaço enquanto extensão, Foucault (2013) nos permite compreender o espaço em função de seu posicionamento. Nessa concepção de “espaço de posicionamento” (Veiga-Neto, 2007, p. 256), o lugar que ocupamos é pensado e praticado de modo flexível, cambiante e adaptável, ou seja, “o lugar que cada corpo ocupa no espaço faz sentido não por si mesmo, mas em função das suas relações com os lugares vizinhos” (Veiga-Neto, 2007, p. 236). Dessa maneira, a trama de Josué Guimarães nos permite pensar na cidade imaginária de Abarama como um lugar vizinho-relacional para a construção de um outro espaço, posicionado fora da realidade que conhecemos, para aventar uma heterotopia que nos mantém no istmo do sonho e da concretude, entre o narrável e o inefável do acontecimento, um hiato entre o passado da novela com o presente riograndense das enchentes.

⁴ Cidade fictícia criada por J. Guimarães na novela “Depois do último Trem”.

Esse trânsito constante entre realismo e ficção, na trama fantástica de Guimarães, avança superar a epistemologia de conceitos estáveis (Berth, 2023) que perpetua abismos sociais e urbanos causados pelo reducionismo desenvolvimentista da sociedade contemporânea. Esse reducionismo funciona como uma lógica de simplificação e negacionismo, que aplicada a problemas complexos, não permite descrever a sua real extensão e dimensão. O vocabulário conhecido não serve a essa complexidade. Resultado disso é que o enigma social acoplado ao progresso se perpetua e nos prega uma peça. Nos tornamos nossos próprios algozes. Como o personagem Eduardo, nos tornamos obcecados pela busca de sentido em meio a um cenário urbano em decomposição. A partir da cidade tomada de cenas absurdas, Guimarães aborda o desespero dos personagens frente a impotência em uma realidade estranha à sua própria humanidade.

Então, que percepções pode nos trazer uma poética da catástrofe? Que elementos da trama absurda dos gaúchos de Abarama coadunam-se com a dos gaúchos da catástrofe de 2024? No discurso de premiação do Nobel de literatura, em 1982, intitulado “A solidão da América Latina”, García Márquez afirma que a realidade descomunal e desaforada do nosso continente exige muito pouco de nossa imaginação para criar o absurdo. Então, cenas como a de um cavalo que passa dias em cima do telhado de uma casa imersa no mar urbano do Guaíba, ou mesmo a cena de uma ponte em Muçum/RS, que abdicou de sua função para conduzir não mais pessoas sobre o rio, mas casas ao longo do rio, dão o mote da tragédia urbana absurda que assolou o Rio Grande do Sul.

Pretendemos, então, aproximar as duas narrativas, realista e fictícia, para criar um espaço heterotópico suspenso entre as duas paisagens em decadência, a fim de compreender a natureza, as formas e as funções urbanas que nascem da crise, habitando a perspectiva inaugurada pela poética da catástrofe. Depois, partimos da concepção de que o progresso apresenta-se de maneira superficial e encanta os corpos no âmago do capitalismo avançado para torná-los algozes de si mesmos, propondo que esse fenômeno corresponde a uma síndrome, a qual denominamos como Síndrome de Abarama, a fim de pensar que lições podemos tirar da catástrofe climática, compreendendo-a como um sintoma social-histórico a ser decifrado.

O ÚLTIMO APITO DO TREM QUE NUNCA CHEGA

Na estação, o trem apitou, e Eduardo era seu único passageiro. Nem mesmo do maquinista havia sinal. A gare estava deserta. Mas logo ao chegar em Abarama, Eduardo avistou seu tio Lucas. A impressão era de que os dez anos em que esteve ausente passaram como um “lapso de vida” (Guimarães, 2021, p. 11). Se o tempo não passou, ou passou sem a permissão de mudar, o protagonista passou à busca e ao inquérito que parece dar início na cidade do seu passado. O velho tio Lucas era o cicerone deste itinerário urbano e afetivo. O velho decrépito anunciava a circulação das águas e o afundamento do sobrinho em seu passado não resolvido.

Tudo parecia inalterado: o trem, as pessoas e o tempo eram os mesmos do dia em que partiu. Contudo, “Eduardo não sabia mais contar o tempo” (Guimarães, 2021, p. 23) e estava confuso. Por isso, mesmo após receber a notícia de seu tio sobre o futuro escatológico da cidade, decidiu permanecer em Abarama para se recompor e organizar os pensamentos. Em breve, Abarama ficaria submersa, inundada pela barragem em construção. Ao decidir ficar, Eduardo se lançou no labirinto temporal que o conduziu gradualmente ao desespero da impotência, imerso na paisagem desolada da cidade à beira do alagamento.

A novela de Guimarães apresenta uma narrativa circular, que se desenvolve em um fluxo de eterno retorno. A chegada de Eduardo em Abarama, depois de uma ausência de dez anos, confunde-se com o início de sua fuga da cidade na iminência do alagamento. Fim e princípio se mesclam na intersecção entre o concreto e o delírio. Ligam-se pelo ritornelo da catástrofe. A todo momento Eduardo parece sentir o confronto de si mesmo com os lugares de memória que passa a frequentar novamente. Caminhando pelas ruas decadentes, ele mantém sempre a estranha sensação de duração que parece persistir em seu olhar. Como se a cidade permanecesse a mesma independentemente das narrativas da catástrofe. Os estabelecimentos ainda funcionavam, as pessoas o cumprimentavam, mas a estética da desapareição, aos poucos, foi desenvolvendo o enredo distópico dos habitantes de Abarama.

Tio Lucas é o prenúncio da catástrofe do progresso que inunda a um só tempo, toda uma cidade e cada vida infamada que encontra em seu caminho. A jornada nietzscheana de Eduardo, guiada passo a passo pelo seu tio, aproxima a todo momento os mundos real e imaginado, para criar um espaço multidimensional que se confunde no tempo. Assim como Borges (2022) dizia, o mais terrível e complexo de todos os labirintos é o labirinto do tempo.

Dos gaúchos de Abarama aos gaúchos de Eldorado do Sul, Muçum, Canoas ou tantas outras cidades afetadas pelas enchentes, delírio e realidade confundem-se no ciclo infinito de eventos que se repetem eternamente. Tudo o que acontece já aconteceu antes e acontecerá novamente, um número infinito de vezes. Esse desafio existencial que foi imposto pelo ciclo de eterno retorno põe em questão a responsabilidade dos indivíduos e desafia a pensar se viver a mesma vida repetidamente, sem nenhuma mudança, é o que se quer. Ou estamos ocupados demais para pensar nisso? Este desafio é uma forma de medir a autenticidade e a integridade das escolhas e ações frente às consequências da mentalidade do progresso. Se soubéssemos ter que viver a mesma vida repetidamente, nossas escolhas e prioridades seriam as mesmas? Como seriam as nossas cidades?

UM EMBARQUE EM MOVIMENTO

Como infletir o destino coletivo em um sentido menos serial, para retomar o termo caro a Jean-Paul Sartre? Tudo dependerá da refinalização coletiva das atividades humanas e, sem dúvida, em primeiro lugar, de seus espaços construídos. Mas o que serão as mentalidades urbanas do futuro? Levantar essa questão já é um pleonismo, na medida em que o porvir da humanidade parece inseparável do devir urbano. (Guattari, 2012, p. 150).

Ao retomar o termo “serial”, Guattari (2012, p. 150) se refere ao porvir coletivo que se organiza em volta da alienação e da passividade dos indivíduos, que se relacionam de maneira impessoal e frágil no ambiente urbano desterritorializado. O autor defende a tese de que a superação de um destino puramente serial depende da (re)organização das nossas cidades e da mentalidade coletiva urbana que será construída a partir disso (Guattari, 2012). “Em 2050, dois terços dos seres humanos viverão em cidades. Estamos assistindo à maior migração da história, o ápice de um processo de 6 mil anos pelo qual, ao fim do presente século, teremos nos tornado uma espécie urbanizada” (Wilson, 2020, p. 4-5).

As cidades são imensas máquinas - megamáquinas, para retomar uma expressão de Lewis Mumford - produtoras de subjetividade individual e coletiva. O que conta, com as cidades de hoje, é menos os seus aspectos de infraestrutura, de comunicação e de serviço do que o fato de engendrarem, por meio de equipamentos materiais e imateriais, a existência humana sob todos os aspectos em que se queira considerá-las (Guattari, 2012, p.172).

Observamos, portanto, que o futuro da humanidade está ligado ao desenvolvimento das cidades, que, por sua vez, dependem de uma gestão urbana renovada para sobreviver. Nesse contexto, Guattari (2012) argumenta que o paradigma desenvolvimentista da modernidade é insustentável. Sob a sua regência, a biosfera está evoluindo rapidamente para um estado de total incompatibilidade com a vida animal e vegetal. Com isso, também as existências subjetivas entram em crise. O ambiente urbano degradado tem efeito predatório sobre as mentes e sobre os corpos. Por isso, é imprescindível desenvolver a consciência ecológica coletiva sobre a degradação ambiental. Não obstante, é necessário reorientar radicalmente os meios de produção e, sobretudo, as finalidades da produção para além do desejo por acúmulo de capital (Guattari, 2012).

Pode-se comparar esse cenário ecológico caótico com a imagem absurda do rataplã que serve de base para a flauta de Pepinho, que toca incessantemente enquanto Zoraide dança para comemorar o sete de setembro. A cena serve de alegoria para as cidades do “espetáculo” (Debord, 2013, p. 13) que perpetuam o progresso predatório e desenvolvimentista da economia global, mesmo diante da iminência de sua ruína. A crise climática que enfrentamos tem suas raízes no século XVIII, com a Revolução Industrial e o início das atividades de produção em massa (Weatherhead, 2021). Desde então, temos observado um aumento gradual na emissão de gases de efeito estufa a nível global, liberados na queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás natural (Weatherhead, 2021). Esses recursos energéticos são utilizados na produção de combustíveis para transporte como gasolina e diesel; produtos químicos como plásticos e fertilizantes; produtos farmacêuticos; aço e alumínio; cimento; e produtos à base de celulose como papéis de uso diário; todos essenciais para a economia global.

UMA JORNADA CATASTRÓFICA: OS EFEITOS CLIMÁTICOS DA CRISE

O efeito estufa retém na atmosfera o calor que seria irradiado da superfície do planeta, permitindo assim a presença de vida na Terra. Sem esse processo, o planeta seria frio e inabitável (Turrentine, 2022). O problema é que as atividades humanas de produção empurraram o efeito estufa a níveis insustentáveis pelo aumento exponencial das emissões de gases como dióxido de carbono, metano, óxido nitroso e partículas em suspensão como as do carbono negro (Sassen, 2016). Isso faz com que o planeta esteja hoje mais quente do que em qualquer outro momento da história (Turrentine, 2022). Esse aquecimento global altera drasticamente os ciclos naturais e os padrões climáticos da Terra, gerando impactos como calor extremo, secas prolongadas, inundações frequentes, tempestades cada vez mais intensas e a elevação nos níveis do mar (Turrentine, 2022).

Não bastasse, as enchentes de maio no Rio Grande do Sul foram causadas por uma combinação ainda maior de fatores naturais e antropogênicos. Melgarejo (2024) sintetiza explicando que a localização geográfica do estado faz com que as massas de ar frio e quente se encontrem, intensificando as precipitações, especialmente durante eventos como o El Niño. Além disso, o aquecimento global, exacerbado pelo sistema de produção capitalista e suas consequências sobre o clima, ocasiona mudanças drásticas nos padrões de precipitação e no aumento do volume de água no estado (Melgarejo, 2024). O engenheiro agrônomo também explica que a expansão do agronegócio, com a substituição de vegetação nativa por monoculturas e a impermeabilização do solo, agravou a situação porque reduz a capacidade de absorção da água, causando o assoreamento dos rios (Melgarejo, 2024). Sendo assim, a inadequada utilização do território e a negligência na gestão de informações sobre os impactos ambientais contribuíram significativamente para a gravidade das enchentes, refletindo uma crise ainda maior na relação entre as atividades humanas e o meio ambiente.

Há também o reflexo dessa tendência no ambiente urbano. Sobre isso, Guattari (2012) argumenta que é preciso repensar a ocupação dos espaços urbanos para mitigar a recorrência de tais desastres.

Se a civilização parasse com suas atividades de emissão de dióxido de carbono hoje, ainda levaria centenas de anos para que a concentração de dióxido de carbono na atmosfera caísse naturalmente o suficiente para trazer o ciclo de carbono do planeta de volta ao equilíbrio, devido à longa vida do dióxido de carbono na atmosfera. (Weatherhead, 2021)

Guattari (2012, p. 153) ressalta que, sem uma mudança profunda nas mentalidades e nos comportamentos, tanto individuais quanto coletivos, qualquer ação adotada se reduzirá a uma ilusão de preservação ambiental. É indispensável uma consciência ecológica coletiva que vá além da preocupação com questões ambientais, abrangendo também as destruições ecológicas no âmbito social e mental. A interpretação da catástrofe em Abarama, vista como um presságio do Estado submerso, possibilita evidenciar esses outros aspectos da crise.

No caldo comum das megamáquinas (aqui tomada como a cidade), a crise se instaura transversalizando o individual e o coletivo. Para Maurizio Lazzarato (2014), a crise da subjetividade contemporânea é inseparável do projeto central da política capitalista, tornando-se impossível apartá-la da crise econômica. Da mesma forma que não podemos separá-la dos fluxos econômicos e sociais, a crise da subjetividade contemporânea está profundamente entrelaçada com a crise urbana (Silva, 2016).

Em vários momentos da novela, Guimarães (2021) estampa os efeitos da degradação ecológica, mental e social na vida dos gaúchos de Abarama. Começando pela fúria dos gafanhotos, que o padre Bertolo descreve como uma “praga dos céus” (Guimarães, 2021, p. 79). Depois um peixe preto cheirando a enxofre, nunca antes visto “em toda a nossa vida de rio” (Guimarães, 2021, p. 74), que aparece para assustar Edmundo Pescador e Pedro Tainha durante uma pescaria. Os dois eventos manifestam avisos da natureza contra a catástrofe oriunda da manipulação humana. Os animais em fúria são a premonição do sofrimento, da maldade e da tristeza. E o rio representa o abismo que liga Abarama ao infortúnio.

A decodificação poética da catástrofe de Abarama alerta que o desaparecimento das pessoas antecipa o desaparecimento da cidade. Fenômeno que marca toda a jornada catastrófica de Eduardo por Abarama, desde o seu retorno até a inundação. Nesse contexto, se a subjetividade, ou seja, o modo como os indivíduos pensam, sentem e se relacionam com o mundo, está interligado às dinâmicas econômicas, sociais e políticas, os efeitos da crise antecipam o desaparecimento da vida em Abarama.

Na cidade imaginária de Guimarães, a alteração do ecossistema aquático afeta a fauna e a flora da região, ocasionando desequilíbrios ambientais graves. Grandes áreas de terras inundadas levam a perda de habitats terrestres, florestas e prados, causando a migração forçada de diversas espécies. A fauna local é retratada desorientada pela iminência da destruição de seu ambiente natural. Os animais que dependem de certos tipos de vegetação e condições específicas de solo e água são particularmente vulneráveis. Para espantar os gafanhotos, Eduardo faz uma fogueira. Ao vê-la, o padre Bertolo pôs as mãos para o alto e gritou: “Se esses bichos vieram do inferno, só podem ficar mais fortes, isso é uma loucura.” (Guimarães, 2021, p. 84). A fúria dos gafanhotos, atizados e desorientados pela ação humana, representa o despertar da peste.

Na concepção de Guattari (2012), o porvir do planeta e da biosfera depende da construção de uma subjetividade das cidades que mobilize os níveis mais singulares e coletivos das pessoas. Guattari (2012) argumenta que as fronteiras entre a cidade e a natureza tendem a esmaecer cada vez mais e, por isso, as finalidades das atividades humanas devem ser ressingularizadas. Isso quer dizer que precisamos repensar o esvaziamento gerado pelas “desterritorializações técnico-científicas, urbanas, estéticas, maquínicas de todas as formas”, que a modernidade incita aos indivíduos.

UMA SÍNDROME DO ABSURDO: A LÓGICA DE EXPULSÃO

Segundo o Dicionário etimológico da língua portuguesa, a palavra síndrome, original do Francês *syndrome*, significa um conjunto de sinais e sintomas observáveis em vários processos patológicos diferentes e sem causa específica, constituindo o quadro geral de uma doença (Cunha, 2010, p. 598). Portanto, ao propor a hipótese da síndrome de Abarama, olhamos para vários sintomas manifestados sobretudo no ambiente urbano, aparentemente desconectados entre si, mas que representam um mesmo *tableau*: a personificação do progresso no meio urbano em sua vertente de esgotamento e expulsão.

Pode-se afirmar, a partir da argumentação de Sassen (2016), que esse fenômeno ao qual denominamos síndrome de Abarama, ilustra a lógica de expulsão que opera subterraneamente nas estruturas sociais e constitui-se como um fenômeno contemporâneo complexo em que indivíduos, comunidades e até mesmo cidades inteiras são sistematicamente excluídas dos benefícios econômicos, sociais e políticos da diagramação do capitalismo avançado. Esse fenômeno de expulsão vai além da estigmatização e marginalização territorial, envolve a remoção ativa de pessoas de redes e estruturas de suporte, resultando em uma exclusão extrema e, por vezes, permanente (Sassen, 2016).

A síndrome de Abarama representa um tipo específico de expulsão causada pela degradação ambiental, na qual comunidades inteiras são expulsas de suas terras devido à destruição ambiental causada ou por práticas industriais e agrícolas intensivas, ou por condições climáticas extremas, como as fortes chuvas que ocasionaram a saturação do sistema hídrico do Rio Grande do Sul e as enchentes de maio de 2024.

A síndrome articula-se também como alegoria da desconexão sujeito-ambiente, que agrava-se pela precariedade das infraestruturas urbanas para a contenção de eventos climáticos extremos. As cidades mostraram-se despreparadas para os efeitos da crise climática. Como se uma catástrofe climática fosse um efeito causal distante e inapreensível. Mas a resposta natural do meio ambiente foi contrária ao ideal coletivo. Nosso sistema ecológico sucumbiu à manipulação humana em busca do acúmulo de capital.

Soma-se a isso, a aceleração das intervenções predatórias em que o valor econômico sobrepõe-se às necessidades humanas nas relações econômicas, as quais ditam o andamento do sistema urbano. Essas relações reverberam-se no ambiente urbano e na produção das subjetividades contemporâneas, que são atravessadas pelas crises subjetivas (psicológicas, emocionais e de identidade) em decorrência do descaso com os excessos de consumo e as expulsões sistemáticas que ocorrem subterraneamente no cotidiano das cidades.

POÉTICAS DA CATÁSTROFE: TRÊS LIÇÕES EDUCACIONAIS E URBANÍSTICAS PARA SUPERAR A SÍNDROME DE ABARAMA

Nesta seção elencamos algumas lições possíveis para a superação da Síndrome de Abarama, buscando compreender os afetos e pensamentos que a catástrofe climática depreendeu.

1. Retomar o futuro - Consonante com o ponto de vista de Guattari (2012), é preciso romper com a serialidade. Isso significa olhar além das narrativas lineares e superar os modelos prontos do pensamento que levam à padronização da vida. Essa padronização busca sempre a espetacularização da cidade, colocando em segundo plano a multiterritorialização urbana presente nos microespaços e nas micro-histórias da cidade - que está repleta de mistérios, interstícios e discursos menores que são esquecidos pela mentalidade de espetacularização oriunda do ideal positivista de progresso. Enquanto nossa cidade for aquela dos grandes eventos e das grandes histórias, estaremos fadados a repetir os mesmos erros que nos levaram à catástrofe.

Guimarães nos convida a acompanhar o cicerone tio Lucas, em um passeio interminável pela cidade que perdeu-se e prendeu-se no tempo. Através da repetição das memórias e vivências de sua infância, às vezes indicando um delírio nostálgico, Eduardo revela a discrepância entre a percepção saudosa do passado e a realidade presente, evidenciando o egoísmo e a sovinice dos moradores de Abarama, que se preocupam somente com seus próprios valores morais e interesses. Esses ignoram a existência de forças maiores que os afetam negativamente, como a construção da barragem, ou, em nosso caso, a busca pelo progresso a todo custo. Assim, retomar o futuro implica superar e romper com o derrotismo flagrante nas cidades em direção à “distopia inevitável”, que despolitiza a possibilidade de um outro porvir possível e relega a imaginação política à inércia. Isso significa privar a sociedade de imaginar ou lutar por alternativas melhores. Ao despolitizar, afasta-se o debate e a ação política que poderia mudar o curso dos eventos. Além disso, perde-se a capacidade de planejar e imaginar soluções diferentes e transformadoras pela paralisia decorrente do achatamento epistêmico das narrativas urbanas.

2. Radical Interdependência da vida nas cidades - As Abaramas, a ficcional e as reais, nos deixam lições. Uma delas é que só sairíamos ganhando se as necessidades da natureza fossem respeitadas e aprimoradas por um urbanismo consciente e sustentável, reconhecendo a radical interdependência da vida. O reconhecimento da sustentabilidade de espaços caminháveis integrados à infraestrutura e as edificações geraria uma cidade realmente inteligente e sustentável, uma cidade capaz de minimizar e absorver os impactos por ela gerados.

Quando nos aproximamos dos princípios do urbanismo sustentável verificamos que ele ultrapassa as questões restritas à biofilia, que conecta os seres humanos à natureza, e reúne outros

atributos necessários para a ampliação da preservação dos habitats e da qualidade de vida. Como afirma Farr (2013, p.28), “O urbanismo sustentável enfatiza que o apelo pessoal e os benefícios sociais da vida do bairro - satisfazer necessidades diárias a pé - são maiores em bairros que integram os cinco atributos: definição, compacidade, totalidade, conexão e biofilia”.

A biofilia promove o benefício do encontro diário com a natureza e reafirma a interdependência entre seres humanos e os recursos naturais, assim como o comprometimento com a preservação de outras espécies. Já as questões de definição e área utilizada pelos bairros, a compacidade ou densidade populacional proposta, a oferta de serviços e usos, e por fim os transportes, melhor definido por mobilidade, completam este modelo para futuros projetos (Farr, 2013).

Porém, outras questões emergem das Abaramas, indagações mais amplas e que fogem de ferramentas urbanísticas técnicas que muitas vezes, mesmo implantadas na sua totalidade não conseguem mitigar a situação, não conseguirão mitigar a emergência climática.

3. Ecologia integral da cidade - Compreender a cidade como uma casa comum é uma necessidade cada vez mais premente. A cidade como um organismo vivo e integrado exige formas de planejamento que respeitem sua realidade multifacetada. A síndrome de Abarama só poderá ser mitigada se construirmos uma espécie de ecologia da cidade.

Jane Jacobs (2011) já havia nos alertado em meados do século XX que a cidade não é constituída apenas de edificações e espaços, mas de um emaranhado de existências humanas distribuídas em um plano geométrico. Uma ecologia integral da cidade precisa compreender a interdependência entre subjetividade, natureza, cultura e economia no contexto urbano. Os impactos da catástrofe climática no RS mostraram esta irredutibilidade de forma radical em maio. Cidades inteiras foram atingidas, provocando reverberações nos quatro âmbitos mencionados.

O transbordamento das águas, deslizamento de terras e outras dinâmicas climáticas e geológicas, impulsionaram impactos econômicos dramáticos em todo Estado, além de implicarem em uma profunda ressignificação cultural das formas de vida, desdobrando em uma dimensão afetiva que inundou a psicosfera gaúcha e nacional. Se é verdade que percebeu-se uma comoção nacional e uma rede de solidariedade que ultrapassou as fronteiras do Rio Grande do Sul, também é possível habitar todas as consequências da catástrofe para avançarmos na planificação da cidade a partir de uma ecologia integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À guisa de conclusão, o artigo buscou refletir sobre as implicações da catástrofe climática do RS como um emissor de perspectivas e ressignificação dos sentidos sobre a cidade. Como a catástrofe desdobrou-se em uma “poética”, capaz de evidenciar a síndrome de Abarama como um conjunto de sintomas urbanos que se apresentam de forma ainda mais nítida diante das emergências climáticas.

Os impactos ambientais oriundos da ideologia do progresso que a sociedade industrial legou aos últimos séculos, deixaram uma herança urbana que apresenta seus limites em diferentes dimensões. A superação da síndrome de Abarama passa pelo resgate do futuro enquanto uma promessa não comprometida com o tempo da distopia. Por sua vez, implica em um movimento de religação das formas de construção de conhecimentos em linha com os territórios, sobretudo, na busca por formas de fazer cidade e educação que passam pelo entendimento da radical interdependência da vida na urbe e da urbe para a vida.

Num dia como o de hoje meu mestre William Faulkner disse neste mesmo lugar: “Nego-me a admitir o fim do homem”. Não me sentiria digno de ocupar este lugar que foi dele se não tivesse a consciência plena de que pela primeira vez desde as origens da humanidade, o desastre colossal que ele se negava a admitir há 32 anos é agora nada mais que uma simples possibilidade científica. Ante esta realidade assustadora que através de todo o tempo humano deve ter parecido uma utopia, nós, os inventores de fábulas que acreditamos em tudo, nos sentimos no direito de acreditar que ainda não é demasiado tarde para empreender a criação da utopia contrária. Uma nova e arrasadora utopia da vida, onde ninguém possa decidir por outros até mesmo a forma de morrer, onde verdade seja certo o amor e seja possível a felicidade e onde as estirpes condenadas a cem anos de solidão tenham finalmente e para sempre uma segunda oportunidade sobre a terra (García Márquez, 2014, p. 13-14).

Assim como García Márquez, nos negamos a admitir o fim do homem e mesmo com o desastre colossal transformado em uma possibilidade científica, compreende-se que, para tanto, a saída histórica das aporias de Abarama só será possível mediante a sensibilidade de uma ecologia integral da cidade, em suas dimensões imaginárias, naturais, técnicas, culturais, econômicas e políticas. O iluminismo às avessas das cidades contemporâneas só poderá ser contornado se ampliarmos o futuro para além dos derrotismos, das utopias cansadas e das pulsões apocalípticas que cada época fideliza. Acreditar nas cidades é o primeiro passo para não naufragar a história no determinismo como naufragaram Eduardo e tio Lucas. Afinal, nenhuma tendência urbana é destino.

REFERÊNCIAS

BENSIMON, Carol. **Nossa terra devastada**. 16 maio 2014. Disponível em: <https://carolbensimon.substack.com/p/nevoeiro-34-nossa-terra-devastada>. Acesso em: 15 ago 2024.

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões na cidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CAMUS, Albert. **L'étranger**. Paris: Les Éditions Gallimard, 1950.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FARR, Douglas. **Urbanismo sustentável: desenho urbano com a natureza**. Porto Alegre: Bookman, 2013.

FONTES, Cristiane. 2024. **Tragic Flooding in Brazil; a Wake-Up Call for the World**. Disponível em: <https://www.wri.org/insights/tragic-flooding-brazil-building-resilience>. Acesso em: 20 jul. 2024.

FOUCAULT, Michel. De espaços outros. **Estudos avançados**, v. 27, p. 113-122, 2013.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **A solidão da América Latina**. 2014. Disponível em: <https://le-trasextraordinarias.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/06/discurso-gabo-premio-nobel.pdf>. Acesso em: 15 ago 2024.

GUATTARI, Felix. **Caosmose: Um novo paradigma**. São Paulo: Cia. das Letras, 2012.

GUIMARÃES, Josué. **Depois do último trem**. Porto Alegre: L&PM, 2021.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Dados e mapas**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/singedlab/dados-apoio-rs.php> Acesso em: 20 jul. 2024.

JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MELGAREJO, Leonardo. Rio Grande do Sul: capitalismo do desastre ou Agroecologia? **Revista Brasileira de Agroecologia**. 2024. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rbagroecologia/article/view/54414>. Acesso em: 15 ago 2024.

SASSEN, Saskia. **Expulsões - brutalidade e complexidade na economia global**. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2016.

SILVA, Marcio Tascheto da. **Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

TURRENTINE, Jeff. *What Are the Causes of Climate Change? We can't fight climate change without understanding what drives it.* 2022. Disponível em: <https://www.nrdc.org/stories/what-are-causes-climate-change#natural>. Acesso em: 20 jul. 2024.

VEIGA-NETO, Alfredo. As duas faces da moeda: heterotopias e *emplazamientos* curriculares. **Educação em revista**, p. 249-264, 2007.

WEATHERHEAD, Betsy. *COP26: 6 charts to help you understand climate change.* 2021. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2021/11/climate-change-causes-science-global-warming/>. Acesso em: 20 jul. 2024.

WILSON, Ben. **Metrópole:** A história das cidades, a maior invenção humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.